

TERRA DENTRO, SANGUE FORA: VANESSA VASCOUTO E O EMPOBRECIMENTO DAS RELAÇÕES NO CONTEXTO RURAL

Paula Mendonça Dias*

Segundo Carlos Alexandre Baumgarten (1986, p. 715), a ficção latino-americana, após passar por uma revisão crítica da realidade, se ateve a dois grandes polos no século XX: as ditaduras e o problema da posse de terra. A temática ruralista com fundo social, desde então, ganhou significativo espaço no cenário brasileiro. São exemplos dessa tendência *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Água funda* (1946), de Ruth Guimarães, *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e *Lavoura arcaica* (1975), de Raduan Nassar. Apesar da crescente urbanização do país e da conseqüente proliferação dessa temática nos romances e contos contemporâneos, mais especificamente da violência nas cidades, o campo ainda tem força na literatura que está sendo feita agora. *Terra dentro*, da catarinense Vanessa Vascouto, lançado em 2020 pela Editora Reformatório, é indício disso.

Vanessa Vascouto nasceu em 1983 em Chapecó, Santa Catarina, e mora atualmente em São Paulo. Além de escritora, é jornalista e dramaturga — o que certamente exerce influência positiva sobre seu romance. Seguindo a tendência da literatura contemporânea, apontada por Karl Erik Schollhammer (2009, p. 15-16), o segundo romance de Vascouto traz à tona uma realidade exterior, marcada pela violência da região rural do sul do Brasil, sem deixar de lado a dimensão pessoal e íntima das personagens. A autora concilia, assim, o aspecto subjetivo com o contexto social e histórico. *Terra dentro* é um livro curto, mas surpreendente e avassalador, deixando-nos sem fôlego e com um gosto amargo na boca ao final.

Com estrutura segmentada, labirintos de pensamentos e fusão de gêneros textuais, *Terra dentro* é alternadamente narrado por três vozes, três irmãos: Mirna, Rita e Mosquito. Em menos de cem páginas, a autora nos lança a essas subjetividades, uma diferente da outra, todas concebidas a partir da violência e do abandono no ambiente rural. Em resumo, *Terra dentro* conta a história desses três irmãos a partir de seus próprios pensamentos interiores, ou seja, são três pontos de vista se intercalando a cada capítulo. Cada uma das perspectivas apresenta recortes de um mesmo acontecimento, que atingiu cada um deles de modo particular. Contextualizando: essa família vive numa plantação de batatas, trabalhando e morando na terra do patrão. Nessa comunidade agrícola, o irmão mais novo, Mosquito, se apaixona por Rosa, a filha caçula do vizinho Nito, um pai superprotetor e, ainda por cima, amante da mãe alcoólatra dos três irmãos. Apesar da paixão proibida, Mosquito passa a se encontrar com Rosa nos pés de um caquizeiro. Um dia, entretanto, a fim de impedir esse relacionamento, Nito espanca Mosquito e atea fogo na árvore. Mosquito, enraivecido e vingativo, na manhã seguinte, vai até a casa do vizinho disposto a matá-lo, mas André, irmão mais velho de Rosa e marido de Rita, é quem leva uma facada enquanto tenta separar a briga. André morre e Rita perde a neném que estava gestando. Depois do acidente, os três irmãos passam a ser atormentados. Mosquito é preso e, depois de alguns anos, é assassinado por uma namorada gananciosa. Durante anos e mesmo depois da morte, ele escuta os passos de Nito vindo em sua direção. Mirna, a irmã mais velha, fica responsável por Rita, a irmã do meio. Esta, por sua vez, enlouquece com a morte do marido e da filha, e é perturbada pelos pingos de uma goteira, insistente e melancólica.

Partindo de suas memórias, cada personagem-narradora possui um destinatário, isto é, direciona-se a alguém. Rita conversa com a filha que não nasceu com vida, o vocativo “você que nunca chegou”; Mirna fala com 8e23, o caseiro da plantação de quem ela é amante; e

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, com bolsa FAPEMIG. E-mail: paulamendoncad@gmail.com.

Mosquito fala com Rosa. Ainda que se aproximem no tom memorialístico, recordando-se do passado, cada uma das personagens apresenta uma personalidade única, o que tem impacto inclusive no modo como se expressam. É, de fato, admirável como Vascounto imprimiu estilos muito próprios para cada um dos irmãos.

A narrativa tem início na voz de Rita, que, depois de perder a filha e o marido, começa a delirar. Seu olhar para o mundo é mais sensível, sentimental, ingênuo, infantil até, distante da realidade. Sua narrativa, recheada de devaneios, repetições, trechos de músicas e onomatopeias, se dá em pequenos parágrafos e, também, em forma de poesia, com versos alinhados à direita. Em Rita, a linguagem é mais metafórica e melancólica: “É, criança. / É de como a terra cai aos pedaços / e a gente junto.” (VASCOUTO, 2020, p. 13); “*tic. [uma gota] / tic. [uma gota] / tic. [uma gota] /* Tem aqui uma goteira que parece memória / e pinga.” (VASCOUTO, 2020, p. 14). Sua voz talvez seja a mais triste e vulnerável entre as três.

Mirna, por outro lado, é mais firme, ríspida e seca, apesar de carregar certo humor. Seu olhar em relação à vida e ao passado é mais pragmático: “Uma família inteira pra ser a desgraça da minha, mas também senão fosse por eles tinha sido por outra gente, que gente taí é pra ser impiastro um do outro. Mas tem que esquentar a cabeça com isso não. Vê e deixa passar. Chora e deixa passar” (VASCOUTO, 2020, p. 25). Apresentando uma linguagem muito semelhante à oralidade, apoiando-se em gírias e palavrões — que podem remeter a outras narrativas contemporâneas, como as de Paulo Lins e Rubem Fonseca —, além de transcrições de traços orais, como “deuzulivre” (VASCOUTO, 2020, p. 26), neologismos e fluxos de pensamento — remetendo à forma de composição de Guimarães Rosa —, sua narrativa se desenrola num grande parágrafo, um bloco sem descanso até o final de cada um de seus capítulos.

Mosquito, por sua vez, tem uma característica bem discrepante das irmãs: está narrando após sua própria morte. É impulsivo e colérico, e essa personalidade o acompanha desde a adolescência até *post mortem*. O caçula tende ainda a ser, por vezes, repetitivo, como se estivesse revivendo a tragédia o tempo todo em sua mente. Como consequência de uma infância pobre e sofrida, cresce revoltado com a terra onde se encontra: “Tudo naquela terra era ruim e a Rita dizia que peste era eu, só que ali até o ar sabia ser pior. Calor demais, frio demais, ódio demais e a tristeza de todo mundo. Só dinheiro sabia ser pouco” (VASCOUTO, 2020, p. 29). Ele, responsável pelo acidente que leva à morte de André, é quem movimenta a história, e sua narrativa, combinando com seu perfil, é passional, intensa e imagética.

Há, ainda, uma relação muito forte entre as personagens e a terra. Suas identidades são o tempo todo ligadas à natureza, ao mundo exterior, marcado pela sequeidão, pela infertilidade e pela miséria. Por meio de símiles e metáforas, que não se tornam cansativas nem banais, mas que, ao contrário, trazem relevo e originalidade à obra, Vascounto inteligentemente contamina o universo interior das personagens com a realidade exterior: “A plantação acaba com a gente, Rosa. Quando eu me olhei no espelho, o pó vermelho, mesmo eu longe e preso, tinha coberto o meu corpo pra sempre. O chão seco e esgarçado de batata agora era eu” (VASCOUTO, 2020, p. 79). Assim, retratando a vida desses trabalhadores rurais, *Terra dentro* apresenta uma escassez material que se torna uma escassez pessoal e interior. Citando Nara Vidal (2020): uma aridez de fato e uma aridez identitária. A terra, o pó vermelho incrustado na pele, forma essas personagens e suas identidades com base na violência e no desamparo.

Com origem na vida real, podemos ainda considerar *Terra dentro* um livro realista. Em entrevista (2022), a própria autora afirmou que a história do livro surgiu de um relato que ouviu enquanto viajava para Campinas. Uma caseira compartilhou sua experiência, que envolvia seus irmãos e uma família vizinha com quem moravam em uma plantação de batatas. Inicialmente, Vascounto recontaria a história do ponto de vista da caseira. Contudo, durante a escrita, surgiu a ideia de ampliar a narrativa e explorar outras perspectivas. Foi assim que o enredo do *Terra dentro* começou a se desenvolver, buscando trazer diferentes versões sobre o acontecimento que mudaria a vida daqueles irmãos. Diante disso, poderíamos, até mesmo, afirmar que a escrita

de Vascouto parte de um método de escrita antropológico. Assim como fazem os antropólogos, a autora colheu um relato e a partir dele concebeu uma obra de ficção, seguindo a premissa de Walter Benjamin sobre o narrador: aquele que transita e ouve várias histórias. Para o filósofo alemão (1994, p. 198), todos os narradores recorrem à experiência transmitida de pessoa para pessoa, e as melhores narrativas escritas são aquelas que preservam a essência das histórias orais compartilhadas pelos tantos narradores anônimos. É isso que Vascouto faz quando parte de uma história real para escrevê-la literariamente, de modo inclusive a adotar uma linguagem particular para cada um dos seus narradores.

Vascouto lida com a linguagem e a subjetividade das personagens-narradoras sem se esquecer da realidade injusta e desgraçada que as cerca na plantação de batatas onde vivem. Na mesma entrevista (2022), a autora ainda revelou que, quando começou a escrever o romance, não tinha intenção de abordar questões sociais ou falar sobre a precarização do campo. Sua intenção era explorar a relação entre os irmãos e suas interações com os vizinhos, dentro de uma comunidade agrícola. No entanto, a autora percebeu que o empobrecimento da terra empobrecia também as relações humanas, gerando um clima de violência e brutalidade. Assim, constatou que a perspectiva subjetiva das personagens, que inicialmente não daria tanta importância ao contexto social, não poderia estar dissociada da terra: o mundo externo toca o mundo interno, e vice-versa. Por isso, há em *Terra dentro* uma significativa interação entre o externo e o interno, conscientemente construída.

Enfim, a partir de uma realidade empobrecida, desigual e conseqüentemente violenta, Vanessa Vascouto concebe personagens privadas da chance de prosperar não só em condições sociais e econômicas, como também, e de modo ainda mais cruel, em relações de afeto. Impossibilitados de terem uma vida com amor, os irmãos são preenchidos — entulhados, sufocados — com a terra, seca e infecunda. *Terra dentro* traz, na confluência dos relatos de Mirna, Rita e Mosquito, a constatação dolorosa da impossibilidade de humanização das relações dentro de um ambiente tão hostil e adverso.

REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, C. A. A ficção latino-americana e a temática ruralista. *Revista do Departamento de Letras - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia*, v. 2, dez. de 1986.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

SCHOLLHAMMER, Erik K. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VASCOUTO, Vanessa. *Terra dentro*. São Paulo: Reformatório, 2020.

_____. FLIBI | Família e memória. *Biblioteca Pública do Paraná*, 2022. Disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/FLIBI-Familia-e-memoria>. Acesso em: 01 mar. 2023.

VIDAL, Nara. [Orelha do livro]. In: VASCOUTO, Vanessa. *Terra dentro*. São Paulo: Reformatório, 2020.

Data de submissão: 19/07/2023
Data de aceite: 23/11/2023